

A Fossa das dúvidas: a morte de Federico García Lorca

Syntia Alves¹

Resenha do livro:

FELGUERA, Gabriel Pozo. *Lorca, el último paseo*. Granada, España, Ed. Ultramarina, 2009.

O poeta espanhol Federico García Lorca morreu em 1936, mas até hoje não são claras as circunstâncias de sua morte, nem onde está seu corpo. Da década de 1950 data a primeira investigação que buscou responder algumas das inúmeras dúvidas que envolvem o fuzilamento do poeta: o livro *Miedo, olvido y fantasia* relata a profunda e instigante investigação de Agustín Penón² nos anos de 1955 e 1956. Mas é apenas após a morte de Franco, em 1975, e com a redemocratização da Espanha que começam as buscas por explicações sobre a morte de Lorca. Em sua investigação, Penón ouviu de várias testemunhas a indicação de um suposto lugar onde estaria o corpo de García Lorca: um barranco, a beira da estrada que liga os vilarejos de Víznar e Alfacar.

Ian Gibson, historiador e hispanista que tem dedicado grande parte das suas investigações ao estudo da vida e da obra de Lorca, apostou no local onde os registros de Penón indicavam estar os restos do poeta. Graças a esses dois investigadores,

1 Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política (NEAMP) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) – São Paulo – Brasil – syntiaalves@yahoo.com.br

2 Agustín Penón era espanhol e se mudou com a família quando começou a Guerra Civil Espanhola. Nos anos de 1955 e 1956, Penón volta à Espanha na busca de explicações para o fuzilamento de García Lorca. Suas descobertas e anotações serão publicadas apenas após sua morte, no livro *Miedo, olvido y fantasia*.

grande parte dos admiradores de Lorca acreditam que seu corpo esteja em algum ponto entre Víznar e Alfacar, e esse caminho se tornou um local de visitas e homenagens daqueles que desejam cultivar a memória de Federico García Lorca. Porém, há quem duvide que o corpo de Lorca esteja no lugar sinalado por Gibson e Penón.

Gabriel Pozo Felguera, o autor de *Lorca, el último paseo*, é um dos que não crê que o corpo de Lorca esteja em um barranco à beira da estrada. Pozo dedicou vinte anos em pesquisas e entrevistas feitas a partir de seu trabalho no jornal *Ideal*, de Granada. Jornalista, quando Gabriel Pozo iniciou sua carreira no *Ideal* começou a se questionar sobre o silêncio que estava não apenas em torno da morte de Lorca, mas também em torno da figura de Ramón Ruiz Alonso: jornalista do *Ideal* nas décadas de 1930 e 1940, partidário da CEDA e responsável pela detenção de Lorca, ação que desencadeou seu fuzilamento. Ao longo desses anos de pesquisa e questionamento, Pozo percebeu que não apenas não se falava no assunto da morte de Lorca, algo comum em toda a Espanha, mesmo após o fim do regime franquista, mas também não era possível encontrar nos arquivos do jornal *Ideal* referências a Ruiz Alonso, como conta o autor na introdução de seu livro. Foi a partir da proximidade que Gabriel Pozo desenvolveu com os antigos trabalhadores do *Ideal* que foi possível escrever *Lorca, el último paseo*.

A primeira parte do livro, “Granada em 1936, vésperas de uma guerra civil”, apresenta ao leitor como se apresentava a cidade de Granada, local de nascimento e morte de Lorca, no ano de 1936. A década de 1930 foi de intensa turbulência econômica, social e cultural em toda a Espanha e o autor inicia seu livro contextualizando o leitor sobre as mudanças que Granada sofreu desde a proclamação da Segunda República, em 1931, até o início da Guerra Civil Espanhola. Pozo mostra que Granada era uma cidade atrasada em relação ao resto do país, com alto índice de analfabetismo, desigualdade social e uma burguesia econômica e politicamente em ascendência, o que acentuava os conflitos trabalhistas. “Granada, como quase toda Andaluzia, era um feudo esquerdista durante a II República” (Felguera, 2009: 36), como coloca o autor, e essa característica política foi um agravante no momento em que Franco e a Falange iniciam o golpe de Estado e foi um dos principais motivos para o alto número de fuzilamentos nos primeiros dias da Guerra.

Durante a Segunda República havia cinco meios de comunicação em Granada: quatro jornais e uma emissora de rádio. Tais meios de comunicação eram muito politizados e inflamaram a luta, a princípio ideológica e, posteriormente, absolutamente violenta. Em 1932, Granada vê nascer mais um jornal, o *Ideal*, e para fazer parte de sua equipe editorial, chega de Madri, Ramón Ruiz Alonso, uma das personagens principais do livro de Pozo. Ruiz Alonso foi quem prendeu Lorca e assim, é apontado como um dos responsáveis pelo

“último passeio” do poeta. O primeiro editorial do *Ideal*, em 8 de maio de 1932, deixa claro suas intenções:

Fiéis a alguns princípios que não negamos nem escondemos – Religião, Pátria, trabalho, propriedade, ordem social, família... – não estamos adscritos a bandeiras políticas, nem a personalismos encobertos, nem à defesa de interesses privados. (Felguera, 2009: 45).

A propaganda eleitoral através dos meios de comunicação teve enorme importância pela primeira vez na história da Espanha, e aquele que tinha apoio da mídia levava vantagem. Em Granada, a Coalização Antirrevolucionária, a CEDA, contava com o *Ideal* por trás de suas atuações propagandistas. Gabriel Pozo dedica parte desse primeiro capítulo para contar como a Falange e a CEDA ganham espaço em Granada, como coloca Pozo: “Granada foi – talvez por sua condição universitária – uma das cidades que melhor acolhida deu ao nascimento do nacional sindicalismo e a Falange” (Felguera, 2009: 52).

Porém, os grupos de direita tinham fortes diferenças e essas foram se acentuando com a disputa pelo poder na cidade de Granada – assunto que o escritor irá detalhar na segunda parte do livro. Assim, Pozo fecha a primeira parte de *Lorca, el último paseo* relatando as conspirações, rebeliões e repressões que deram início à guerra civil. E ao final da primeira parte do livro, o autor coloca como a cidade de Granada se tornou o ninho da conspiração contra a República, local onde atuaram os principais generais que, junto com Franco, na tentativa de derrubar o governo republicano, deram início à Guerra Civil Espanhola. Gabriel Pozo demonstra de maneira contundente como se organizou o levante em Granada e não poupa os nomes mais importantes desse acontecimento, em especial Queipo de Llano – que além de ter sido conhecido como um dos generais mais sanguinários da Guerra Civil Espanhola, também teve um importante papel na mobilização da sociedade por haver tomado o controle da Rádio Sevilha – e o general de guerra José Valdés Guzmán, nomes que, como o autor mostrará mais adiante, tiveram fundamental participação no assassinato de Lorca. Além disso, Pozo coloca dados importantes para que o leitor tenha real dimensão do que foram os primeiros dias de levante em Granada: a intensa artilharia da qual dispunha a Falange, a divisão entre as direitas – Falange e CEDA –, a resistência que os militares encontraram dos civis e o uso de aviões para bombardeios, dando início a um tipo de guerra muito mais genocida e até então inimaginável.

Na segunda parte do livro, “Uma pessoa e sua ambição”, Gabriel Pozo direciona seu trabalho para a figura de Ramón Ruiz Alonso e os acontecimentos em torno da prisão e do assassinato do poeta. O autor conta quem foi Ruiz Alonso:

sua posição na CEDA, sua chegada à Granada e sua posição de destaque nos primeiros anos do jornal *Ideal*. Seus artigos no jornal expressam sua postura e personalidade: sempre escritos na primeira pessoa, Alonso tinha espaço de destaque semanal no jornal, momento no qual o operário católico se posicionava com ódio contra os que não haviam se comportado bem no regime anterior – em especial Fernando de Los Ríos, socialista, primeiro ministro nos dois primeiros anos da Segunda República espanhola e amigo de García Lorca – e não cessava de criticar a laicização do ensino e a imposição de filiação sindical para trabalhar em determinados empregos artesanais.

Como muitos estudiosos, Pozo também conta a chegada de Federico García Lorca à Granada, em julho de 1936, e sua trajetória para a morte. O autor baseia seu relato nas notícias dos jornais granadinos da época e de entrevistas que relatam a chegada de Lorca, sua relação com a família, e o terror que tomava conta da casa dos García Lorca, família assumidamente republicana e envolvida com a política em Granada, no início do levante militar. Nessa mesma época a CEDA perde espaço para a Falange que recebe consegue espaço do governo com as eleições e com o apoio da sociedade civil.

As novas informações e hipóteses que Gabriel Pozo levanta sobre a morte de Lorca começam a aparecer nesse momento do livro. A primeira hipótese é sobre quem teria delatado o esconderijo do poeta. Num primeiro momento se afirmou que uma empregada dos Rosales (família de Falangistas que escondeu Lorca) teria delatado que na casa de seus patrões se escondia o poeta. Porém, há muito tempo a versão aceita sobre a prisão de Lorca é a de que quem teria dito sobre o esconderijo foi Concha, a irmã do poeta, que o teria feito para evitar que seu pai fosse preso numa das vezes que os militares foram revistar a casa dos García Lorca atrás do poeta. Porém, Pozo fundamenta a hipótese de que o paradeiro de Lorca não foi denunciado por sua irmã, mas por “um dos Rosales”, o irmão mais velho, Luis Rosales.

Segundo o autor de *Lorca, el último paseo*, a prisão de Lorca tinha como intenção assustar o poeta para que ele dissesse onde Fernando de Los Ríos, que estava em Madri, estava escondido. Além disso, o autor afirma que Lorca foi uma moeda de troca entre as direitas que disputavam o poder sobre Granada, CEDA e a Falange, e que o poeta foi alvo de um jogo de poder e de egos que tinha, nesse momento, de um lado Ruiz Alonso e Valdés e do outro os Rosales.

Pozo levanta outras questões que margeiam a morte de Lorca: se o poeta teria sido morto no dia 18 de agosto – como parte dos pesquisadores afirmam baseados em relatos de amigos e parentes de outros fuzilados com Lorca – ou se o fuzilamento teria acontecido no dia 19 de agosto – como afirmava a empregada

dos García Lorca, Angelina Cordobilla, que levou comida e cigarros para Lorca quando este esteve preso. Outro dado incerto é sobre de quem partiu a ordem de fuzilamento de Lorca. Segundo Pozo, o comandante Valdés teria assinado a ordem, porém, ele teria consultado Queipo de Llano sobre a execução de Lorca, afinal, as comunicações via rádio eram frequentes, e essa possibilidade colocaria o nome deste também como responsável pelo assassinato de Lorca. O assassinato do poeta causou problemas para Franco, pois se tratava de um autor de fama internacional já naquela época. Assim, Pozo afirma que para se livrar da responsabilidade pela morte de Lorca, os militares desenterraram seu corpo e o transferiram para uma fossa, ocultando assim as provas do assassinato. Segundo a versão dos militares, nos anos 50, Lorca foi desenterrado e transferido para as fossas comuns, sendo deixado com milhares de fuzilados.

A Lorca foram dirigidas balas de muitas pessoas e talvez de muitas instituições de Granada do ano de 1936: uma Granada muito tensa e muito rancozosa, muito propícia para uma Guerra Civil. Pessoas que não aceitavam sua modernidade na maneira de escrever, de se vestir, suas amizades, mas também aquelas pessoas que tinham algo contra sua família, que tinham invejas, que tinham ódio contra seu cunhado que foi prefeito de Granada. Tudo isso se juntou e, unidos à inimizade que havia naquele momento entre os dois setores que brigavam pelo controle, que desejavam fazer-se protagonistas da prefeitura de Granada, em meio a tudo isso e a uma violenta luta pelo poder foi que caiu Federico. Valdés e Ruiz Alonso queriam diminuir o prestígio da Falange, e mais especificamente o prestígio dos Rosales, e para Gabriel Pozo foi isso o que acabou com Federico. O autor coloca ainda que o excesso de zelo e de amizade dos Rosales por Federico aumentou ainda mais o risco, pois encorajou os da CEDA a deterem e fuzilarem o poeta.

Como quem segue a ordem cronológica, Gabriel Pozo coloca o que aconteceu com Ruiz Alonso durante o franquismo: um político e jornalista esquecido pelo regime ditatorial que vigorou por quarenta anos na Espanha. Ruiz Alonso morreu nos Estados Unidos e contou sua versão da história para sua filha mais velha, a atriz Emma Penella, pouco antes de morrer. O autor finaliza o livro falando dos outros protagonistas do assassinato, Valdés e Queipo de Llano, e cita as hipóteses dos pesquisadores mais importantes de Lorca – Agustín Penón e Ian Gibson – que ao longo de tantas décadas buscaram a verdade em torno do assassinato do poeta, terminando a segunda parte do livro contando o que aconteceu com os García Lorca após a morte do seu membro mais famoso.

Nos apêndices do livro, Gabriel Pozo traz à tona a entrevista com a filha de Ruiz Alonso. As revelações feitas por Emma Penella se referem ao que seu pai

lhe disse antes de morrer e foram abertas ao autor do livro com a condição de que não fossem publicadas antes da morte da atriz. Em seu relato, Emma se preocupou em deixar claro que não foi seu pai quem matou Lorca, apenas quem o deteve e quem iniciou o processo. Foi Emma quem assegurou que o irmão mais velho dos Rosales informou seu pai que Lorca estava escondido na casa dos Rosales, pois, segundo ela, Luis Rosales estava farto de ter em casa um “rojo”. Foram as revelações de Emma, somadas às revelações feitas pelos antigos trabalhadores do jornal *Ideal*, que deram material para que Gabriel Pozo não apenas escrevesse seu livro, mas que se tornasse uma importante referência atual.

Pozo finaliza seu livro com a entrevista feita com a sobrinha-neta de Lorca, Laura García Lorca. Laura, herdeira dos direitos da obra de Lorca, junto com sua família, é contra a busca pelo corpo do tio-avô e em sua entrevista agradece pelos novos fatos, pois eles eximem de culpa sua tia-avó Concha, até então apontada como quem teria delatado o paradeiro de Federico.

O livro teria sido apenas mais um estudo cheio de hipóteses sobre a morte de Lorca se não fosse por um detalhe: dois meses após a publicação de *Lorca, el último paseo* finalmente foram feitas escavações no local onde Gibson, Penón e outros acreditavam estar o corpo de Lorca. Nada foi encontrado. Assim, o livro de Gabriel Pozo se tornou, quase que instantaneamente, um novo farol para aqueles que buscam por esperanças de encontrar alguma verdade sobre a morte de Lorca. Esperanças. Por hora apenas isso é possível encontrar.

Referências

- FELGUERA, Gabriel Pozo – *Lorca, el último paseo*. Granada, Ed. Ultramarina, 2009.
- GIBSON, Ian – *El hombre que detuvo a García Lorca*. Madrid, Aguilar, 2007.
- HUGH, Thomas – *La Guerra Civil Española*. Barcelona, Ed. Debolsillo, 2004.
- OSORIO, Marta (Ed.) – *Miedo, olvido y fantasía – Crónica de la investigación de Agustín Penón sobre Federico García Lorca*. Ed. Comares, Granada, 2009.

Recebido em 11/07/2012

Aceito em: 2/08/2012

Como citar esta resenha:

- ALVES, Syntia. A Fossa das dúvidas: a morte de Federico García Lorca. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, v. 2, n. 2, jul-dez 2012, pp. 549-554.